



○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

O nosso tempo da escola era fortemente marcado pela festa do 1.º de Dezembro onde se demarcavam três momentos importantes a saber: recitativos e canções a cargos dos alunos da escola, precedidos dumas semanas de ensaios em que pontificava a D. Zulmira como ensaiadora; a locução do prof. Carlos Martins que deveras nos empolgava e a entrega dos prémios que heróicisava os distinguidos. Nesse dia os premiados passeavam-se com ufania pelas ruas de Fão e de toda a parte advinham os parabéns, parabéns que se estendiam aos papás babosos. Ainda hoje os prémios recebidos na escola primária desse tempo conferem um certo sinete de distinção e os beneficiários, a propósito de qualquer coisa, recordam-nos com saudade e até com uma certa vaidade. Lembramos como exemplo a carta que o Ramiro Capitão

nos escreveu há tempos onde, falando do Prof. Pio Rodrigues, faz umas referências aos prémios que recebeu na escola primária.

Não existe hoje a festa do 1.º de Dezembro. No entanto a distribuição de prémios mantém-se num dia próximo do Natal. Foi-nos possível assistir à última festa escolar com entrega de pré-

PRÉMIOS ESCOLARES

mios e uma coisa que nos chocou foi a exiguidade das quantias referidas. Algumas de dez escudos se a memória não nos falha. É fácil de explicar porquê. Esses donativos são os juros de certos legados constituídos muitos anos atrás. A inflação encarregou-se de reduzir as importâncias e como que ridicularizou-as.

Bem sabemos — e é isso que se diz aos alunos — que aqueles prémios são no-

meadamente simbólicos. Não está em causa a importância.

Não será exactamente assim. Tem que haver uma certa dignidade no valor atribuído. Se não, instituíam-se importâncias mínimas e todo o mundo seria evocado como patrono escolar. E depois há a vontade do testador. Ele não atribui ao seu prémio um valor meramente simbólico. Ele pretende beneficiar alguém com uma importância que por sua vez resulta de um legado que fica cativo. Não se esqueça isso: o dador pretende distinguir e portanto beneficiar alguém com um valor real. Ora nós sabemos que um aluno que recebe a importância de dez escudos nem dois pães pode comprar. Fica a vontade do testador ultrapassada e a atingir as raías do ridículo. E por mais persuasivos que sejamos, o aluno também não deixa de sentir-se desencantado.

Que fazer então? Reforcem-se os legados.

De que maneira?: Aceitam-se sugestões.

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

CAPITÃO JORGE LARCHER

É pensamento corrente que a praia de Fão só começou a ganhar uma certa vitalidade a partir dos fins da década de trinta, lá para os anos 38 e seguintes.

Não comungamos de tal convencimento. Em nosso entender a praia de Fão já era bastante frequentada no início do século. O Esposendense de 13/7/1911 diz a propósito em correspondência de Fão: «A época balnear está muito animada».

Na década de trinta (fins) convergiu para a terra fangueira uma pleiada de banhistas que ao fim de um certo tempo, isto é, ao fim de um certo entrosamento, adquiriu espírito de grupo, grupo este que acabou por se denominar: Grupo dos Amigos de Fão. Havia famílias que aqui permaneciam os dois meses de verão: Agosto e Setembro. Naquele tempo não havia televisão e os automóveis eram em quantidade mínima. Os banhistas tinham que inventar meios de aqui passar o tempo. O Grupo dos Amigos de Fão apareceu ao encontro dessa necessidade. O GAF tornou-se o agente catalizador dos entretenimentos que amarravam as famílias umas às outras e faziam com que aqui aparecessem no ano seguinte. Diz por exemplo o Esposendense de 4 de Setembro de 1938: «Segunda-feira os banhistas desta praia alvoroçaram a terra. Pretexto: queimar um fogo preso oferecido pelo Tenente Júlio Faria. Eurico Soucasaux trouxe a sua

cabine sonora. Presidia a tudo o cientista Santos Júnior, auxiliado pelo escritor Cap. Larcher e o escrivão Álvaro Machado».

O Grupo dos Amigos de Fão, criado pre-



cisamente em 1938, era constituído pelo Prof. Santos Júnior, dr. Sampaio e Castro, Dr. Fanklim Nunes, Cap. Larcher e Álvaro Machado. Editou uma «Monografia de Fão», da autoria da Cap. Larcher, construiu a estrada da Bonança, foi o grande anumador, como acabamos de ver, da colónia balnear e constituiu-se por excelência num órgão de propaganda de Fão. A sua finalidade era com efeito «promover o desenvolvimento da localidade e da sua praia em colaboração com as autoridades locais, concelhias e distritais, bem como procurar suavizar a situação da sua pobreza e a vida dos seus organismos de assistência, defesa e recreativos». Foi seu primeiro presidente o Capitão Jorge Larcher. Em 6 de Agosto de 1939 o Esposendense referia-se-lhe nestes termos: «Com sua Ex.ma esposa chegou a Fão para passar a estação calmosa o sr. Capitão Jorge Larcher. Sua Ex.cia que é prestigioso Presidente do Grupo dos Amigos de Fão, que ele fundou com um punhado de amigos, tem desenvolvido uma enorme actividade em benefício desta terra. Do seu amor, do seu extraordinário espírito empreendedor muito temos a esperar». Deduzimos desta local que entre a numerosa colónia balnear o capitão Larcher, o nosso perfil de hoje, distinguia-se como pessoa de elevados méritos.

Era com efeito um devotado investigador dos monumentos nacionais. Nasceu em 25 de Dezembro de 1889 em Castelo Branco. Morreu, cremos, que em 1940. Seu pai foi o erudito bibliófilo e investigador Tito de Sousa Larcher a quem Leiriza deve a fundação do museu e biblioteca.

Jorge Larcher dedicou-se sobremaneira ao

(Continua na pág. 2)

CAPITÃO JORGE LARCHER

(Continuado da pág. 1)

estudo dos castelos deixando escritos dois volumes «Castelos de Portugal» que Acácio de Paiva classifica como a obra «mais completa e rica até hoje publicada sobre o assunto». A Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira esclarece que «os monumentos de arte religiosa e militar da nossa terra atraíram particularmente a atenção deste escritor Jorge Larcher e reduziram o seu belo patriotismo».

Jorge Larcher escreveu ainda *Monumentos de Portugal — Alcobaça e Batalha* (2.ª edição 1929), *Mosteiro da Batalha, Memória Histórica sobre o Abastecimento de Água de Lisboa até ao reinado de D. João V*. Várias monografias foram por si compostas, dedicadas à etnografia e etnologia. Como dissemos já, redigiu uma monografia de Fão que se encontra esgotada.

Possuía uma visão larga e até antecipada em relação aos tempos em que viveu. Numa palestra que tinha por tema «a instrução e a educação» declarava: «O que é preciso pois ao povo é primeiramente a educação, depois e ainda a educação e sempre a educação».

Quando apareceu este ilustre investigador em Fão, ou antes, quando começou a visitar a nossa terra? Os jornais só começaram a referenciá-lo a partir de 1938. Teria vindo pela mão ou do Ten.-Coronel Luis Nogueira, ou do dr. João Rodrigues Baptista, ou do dr. Álvaro Salema, únicos banhistas de Lisboa que nessa altura frequentavam a nossa praia.

A sua estadia entre nós foi de poucos anos. De tal modo porém se ligou às belezas e à história de Fão, que a sua memória entre os fangueiros continua imperecível.

MELHORAMENTOS

Temos andarilhado pelo pinhal e não há dúvidas que o lixo ali está a ser combatido com pertinácia. Foram disseminados naquela zona cento e quarenta bidões (é assim que se chama?) para recolha do lixo. Ao mesmo tempo dezenas e dezenas de cartazes, pregados nos pinheiros, chamam a atenção para a limpeza do local. Sabemos ainda que os encarregados da recolha do lixo todas as quintas-feiras são mobilizados para aquela zona, a fim de limparem as ruas. Trata-se de uma iniciativa que envolve poucos custos e que acabará por dar os seus frutos. A verdade tem que se dizer.

Quanto ao mercado das rodas ou expensado mercado, além do salão polivalente e outras salas de apoio, está projectado um túnel por baixo da Avenida António Veiga, frente à antiga fábrica, que vai dar ao Fojo e depois ao outro túnel que está sob a ponte, junto ao «estaleiro».

A fonte luminosa no Cortinhal está a passar por uma remodelação ou arranjo, totalmente desligado do anterior. Foi colocado no pequeno lago uma peanha ou grande taça (oferta de Aníbal Soares) que comporta 24 lâmpadas que por sua vez oferecem quatro jogos de luzes. Do lado do rio, numa extensão que vai da casa dos Campos à Avenida dr. Manuel Paes, vai construir-se um caramanchão.

Por sua vez a Câmara já adquiriu por 40 mil contos o terreno que se encontra por trás da rua das Pedreiras, a partir do Caldeirão. Vão fazer-se aí 40 casas que serão apoiadas por espaços de lazer. Noutros sítios da vila estão projectados mais cem edifícios pelo que o problema

da habitação ficará resolvido na nossa terra.

Ab, esqueçamo-nos de dizer que o Clube Náutico vai ser erguido no sítio do estaleiro, em terrenos que ficarão desafectados dentro de algum tempo.

Parte dessa área vai ser destinada a um parque automóvel onde ficarão retidos todos os veículos que costumam avançar pela Junqueira fora. As pessoas seguirão a pé para a margem do rio, sobraçando as canas de pesca e os lancheiros. É saudável embora esta medida vá criar arrufo.

ENTRE NÓS

Já começaram a chegar os primeiros «franceses» à terra de Fão. Tivemos o prazer de cumprimentar o nosso prezado assinante Reinor Sá Pereira que vai permanecer em Fão até meados de Setembro. Seja bem vindo

GRATA VISITA

O nosso prezado anunciante sr. Florindo Almeida (Estrela Adubo) deu-nos o prazer da sua visita quando estávamos nas termas de Caldas da Felgueira (Nelas).

Com ele encontrava-se a gentil Guida. Foi um prazer conversarmos com este simpático casal.

O jornal «O Novo Fangueiro» tem bons amigos espalhados por todo o país. Em contraste, certos pseudo-fangueiros, aliados às vestes talares, dedicam-lhe ódio profundo.

Mas os cães só ladram e a caravana já vai na sexta viagem.



HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 96 14 73/4
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m², frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m², a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaîne des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; boíte com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

FARPAS DE ESCÁRNIO E BEM-DIZER

Por QUIM DE FÃO

O último número deste jornal vinha demasiado apimentado e sortido como o doce inglês. Mas «doce» não era. Quer por «simpatia» quer por direito de resposta que as nossas «Cartas ao Director» mereceu, o que se pode e pôde ler é que o leque de «cooperantes» aumentou.

Alguém me perguntou, como leitor do jornal, por que razão eu não respondi ao da Torre. Ora bem. Parece-me, na minha leitura, que o Da Torre desgostou dos meus textos; afirma — por outras palavras — que é a única coisa que se pode ler (?). Sendo assim, e porque se lhe deve dar o valor que o texto merece, aliás bem elaborado, e com o seu ponto de vista e ainda porque já não necessita de «mais promoção» não perdi tempo, até porque vou cumprindo as OBRAS DE MISERICÓRDIA.

• É difícil agradar a todos os leitores. Sobretudo àqueles que por lezarem os interesses da comunidade ou por ocuparem cargos de responsabilidade social não admitem que a função do jornal seja não só notícias mas também nos seus Editoriais ou em crónicas do que «vir e ouvir, pensar e sentir» se possa zupar com a pena, sem pena e por pena.

Registei com agrado, a informação noticiada neste jornal, última edição, do número elevado de médicos que dão cobertura aos mais variados serviços clínicos do nosso hospital. Desconheço o veículo de notícia. É pena que outras obras e realizações não tenham sido noticiadas nos jornais da terra e do Norte como mereciam. Mas, ou porque não gostam de se fazer notados ou porque não gostam dos correspondentes, creio que não é por medo, o que é certo é que o encarregado destas coisas de informar, não informa mesmo. A direcção terá de arranjar outro relações-públicas. Assim, são muito privadas. Outras instituições afins fazem-se notícias e ouvem através dos jornais; dão a conhecer a sua actividade, os seus êxitos e os seus projectos. Dizer ao leitor do jornal, aos fangueiros, aos milbares de emigrantes espalhados pela Europa e América o que se passa na nossa terra é uma «OBRA DE MISERICÓRDIA».

Já dizia Camões: «Os Homens das Armas precisam dos Homens das Letras como os das Letras precisam dos das Armas». Vamos lá acabar com as «berras» e enviem-nos textos ou informem-nos. Queremos uma Misericórdia ainda mais conhecida. É essa afunção da Comunicação Social: comunicar.

• Já tínhamos este texto alinhavado quando o Comércio do Porto de 18 de Julho anunciou, a partir de Braga, o texto que transcrevo; «ARS E MISERICÓRDIAS CELEBRAM ACORDOS — Entre a Administração Regional de saúde (ARS) de Braga e as Misericórdias de Fão e Riba d'Ave foram estabelecidos acordos de cooperação no âmbito da prestação de cuidados de saúde aos utentes do Serviço Nacional de Saúde, nas modalidades de consultas, intervenções cirúrgicas, medicina física e de reabilitação, elementos complementares de diagnóstico, internamentos e atendimentos de situações de urgência. A cerimónia decorreu no salão nobre do Governo Civil e contou com a presença da comissão instaladora da ARS e de representantes das referidas instituições. Presidiu ao acto o Governador, dr. Fernando Alberto Ribeiro da Silva.

O acordo com a Misericórdia de Riba D'Ave vai permitir que os utentes deixem de

se deslocar ao Porto para obterem determinadas consultas de especialidades e internamento, e o outro, celebrado com a Misericórdia de Fão, visa facilitar a prestação de cuidados em valências até agora não asseguradas pelos serviços de saúde no concelho».

Teremos de mudar a nossa «Correspondência» para Braga para saber notícias de muito interesse para os nossos leitores e que muito enobrecem a nossa terra? Espero que não. Só falta pegar em «rodinhas» e trazer para Fão, anexando-o, o que resta do antigo hospital de Esposende! Será isso que a ARS quer? Ou não há verbas para um Hospital Novo e Renovado? Dois não são necessários. Já agora mudem também a Câmara. Palácios, não nos faltam, onde a sediar. Não peguem «fogo» nas boas relações existentes, senhores do reino! Refiro-me aos governantes distritais e nacionais. Só. Nada de equívocos.

• Apanhamos um susto muito grande quando lemos nos jornais diários que algumas praias do concelho não iriam ter Bandeira Azul. Sinónimo de água imprópria para nadar e chafurdar. Fão tem bandeira azul. Fão, o mar de Ofir, tem ouro! O mesmo será dizer água para receber os «bronzes» das camones» que, de ano para ano, vão diminuindo, dando lugar a algumas bolandesas menos bebedoras e mais cobertinhas. A continuar assim, não tarda muito a termos praia só para turismo interno, ou com medo das «queimaduras» nas rendas de casa e nos preços avulso de muitos produtos nem os internos nos visitarão, ou quando o fizerem, será de ida e volta, no mesmo dia — turismo motorizado.

— Há dias, colocaram novas placas toponímicas a limitarem a Norte e a Sul, a nossa terra. Sabem o que aconteceu? Fão, Fam ou Fanum desde o tempo dos Afonsínos, foi ao Crisma e agora chama-se VILA DE FÃO. Que disparate! Já viram e leram outras placas toponímicas? Onde é que leram, por exemplo, Vila de Esposende, Cidade do Porto; Cidade de Vila do Conde? Uma coisa é o nome da terra... outra é a categoria. O «Novo Patrão», esta não é vossa, pois não? se já safaram nos envelopes e papéis timbrados a tal designação que pertencia, pelos vistos, aos «velhos Patrões» (se há novos é porque já bouve outros); mandem apagar a tal designação. «Se não «chamam-nos «parolos»».

• Lembram-se do Cotim da tabela? E da pele de bacalhau que quando ia ao fogo encolbia... encolbia... (?) Pois a nossa terra está a acontecer o mesmo. Os limites a norte estão a cerca de 100 metros da ponte. Concluímos que a ponte é toda de Gandra. A sul, as placas que limitam Fão estão encostadas ao cemitério. Portanto, as fábricas Ofirtext, São paio, Santo António e Caminho Serpa Pinto-sul já não são Fão. Com o tempo... tudo encolbe! Até a nossa terra! Verdade, verdade!

• As vaquinhas de gandra obtiveram, democraticamente uma vitória. Já podem atravessar a ponte, sem passaporte e de... sapatos. Porque impediam a lentidão da circulação do trânsito foi-lhes — às vaquinhas — lançado um ultimatum de proibição: só a nado. Agora, placas de sinalização obrigam as tais bucólicas gandenses a atravessar a ponte antes das onze horas e depois das 17 horas. Os amadores de fotografia e os ró-

tulos de mantelga Ofir podem contar com o postal.

• Nem tanto ao mar... nem tanto à terra. Onde se viu uma terra de Turismo, o coração turístico desta zona com o posto de Turismo fechado?

Até há pouco, última época balnear, o Posto de Abastecimento aos turistas, localizado na Avenida da Praia, funcionava. Agora? Porta fechada. Fermé. Close. Se é por falta de pessoal, coloque-se lá um estudante que domine razoavelmente francês-inglês e saiba um pouco de história da região. Que seja capaz, com risos e simpatia, de informar os nossos visitantes.

Em última hipótese, faz-se apelo à velha guarda dos anos 60 para mobilizar, de novo, os seus «dotes» linguísticos e não só... e as «bárbaras» regressarão às praias quentes de Ofir.

CARTAS AO DIRECTOR

Caro Amigo Dr. Saraiva,

Já ando há dias para lhe escrever, mas o tempo vai passando...

No nosso jornal chama-me sempre especial atenção o seu artigo «O Perfil de Hoje». Dá-nos a conhecer figuras do passado, geralmente ligadas a Fão. É além de mais, um gesto de gratidão, sentimento que hoje em dia, mal se conhece.

Felicito-o pela entrevista publicada sobre António Correa de Oliveira. Nela se fica a saber muito da vida daquele poeta, por muitos considerado polémico, mas que foi, na realidade, um grande vulto da nossa terra.

Certo assunto: no jornal de 10 de Junho li nas «Cartas ao Director» assinado por «Da Torre»:

Este foi, não encontro no jornal nada de interesse. Para já foi comemorado em Maio, o seu 6.º ano de vida, há aqui qualquer coisa que não consigo compreender. Talvez o sr. Da Torre saiba explicar.

Pela minha parte só lhe poderia dizer: continue na mesma linha, que está no caminho certo.

E por hoje é tudo.

FERNANDO DE ALMEIDA

FORMATURAS

Em Braga na Universidade do Minho a jovem fangueira Anabela Solinho Martins terminou o curso em Línguas Modernas.

Na Universidade Portucalense do Porto, terminou o curso de Direito Paulo José Reis Alves Pimenta (filho da Zinha).

Trata-se de mais um enriquecimento do quadro social fangueiro.

Na Universidade também terminou o seu curso de Direito o jovem José Luís Paulino de Barros.

Aos papás Raul, Martins e Germano felizes e babosos, as nossas calorosas felicitações. Aos novos doutores muitos parabéns.

FUTEBOL

Com uma «casa» particularmente vazia realizou-se na segunda-feira, dia a Assembleia Geral Ordinária do C. F. de Fão que tinha por objectivo fundamental aprovar as contas e eleger os novos corpos gerentes.

Foi uma reunião pacífica até porque, além dos elementos da Direcção poucas mais pessoas havia a assistir. O chamado bairrismo fangueiro anda um pouco enviezado.

Apareceu uma lista que foi aprovada como se previa. Direcção: Presidente, Armindo Alves; Vice-Presidente, Belmiro Ferreira; Secretário, Bernardino Vale; 2.º Secretário, Alberto Ferreira; 1.º Tesoureiro, Artur Silva; 2.º Tesoureiro, Augusto Silva; 1.º Vogal, Manuel Ferreira; 2.º Vogal, António Fagundes. Conselho Fiscal — Presidente, António Carreira; Secretário, Rui Silva; Relator, António Viana. Assembleia Geral — Presidente, dr. Armando Saraiva; Vice-Presidente, dr. Carvalho Matos; Secretário, Aníbal Soares.

Como se pode verificar, alguns nomes sonantes da nossa praça do futebol ficaram de fora. Entraram de férias merecidas, diga-se.

As contas também não foram problema, mas objecto de admiração. As despesas atingiram os 8.000 contos e ainda assim se conseguiu um saldo positivo de mais de duzentos contos, facto inédito nos anais futebolísticos de Fão. O Conselho Fiscal muito justamente propôs um voto de louvor à Direcção cessante.

Foi votada por aclamação a nomeação do dr. Armando Saraiva para a outorga da escritura da compra da sede.

A nova Direcção está já a negociar os contratos dos jogadores antigos e novos.

RELATÓRIO E CONTAS DA GERÊNCIA

De acordo com as determinações estatutárias do nosso clube, nomeadamente Art.º 18, vimos submeter à apreciação dos sócios reunidos nesta Assembleia Geral Ordinária, o Relatório e Contas de Gerência, referente à época de 1989/1990.

Congratulámo-nos em primeiro lugar por termos ganho o Campeonato Regional da 2.ª Divisão Distrital da Associação de Braga, Série A, passando assim à Divisão superior, neste caso a 1.ª.

Fizémo-lo, sem termos perdido um único jogo em casa o que já não acontecia há 33 anos.

Deveu-se estes feitos, ao espírito de equipa que se conseguiu imprimir não só aos membros da Direcção como ainda aos Corpos Gerentes em geral. Este espírito de equipa transmitiu-se obviamente ao plantel dos jogadores que não sendo na sua grande maioria da terra, defenderem a camisola fangueira com brio e galhardia, ganhando os necessários jogos, dirigidos pelo seu excelente treinador e apoiados pelos eficazes restantes elementos do «Grupo Técnico».

Agradecemos, por isso, desde já, a todos os elementos da Direcção e restantes Corpos Gerentes, com especial relevância para o Vice-Presidente, que dedicou a maior parte do seu tempo disponível, sacrificando inclusivê a sua vida pessoal e profissional, ultrapassando positivamente as funções que normalmente lhe seriam atribuídas.

Igual agradecimento pretendemos fazer ao médico do Clube, muito em particular pelo seu gracioso e permanente contributo profissional bem como pela participação muito activa que teve nas reuniões da própria Direcção, aconselhando os seus membros através de uma crítica ponderada. Esta atitude muito louvável alargou-se como é óbvio às contas do Clube, que iremos apresentar, já que simultaneamente se trata do Presidente do Conselho Fiscal.

Ainda sobre os Corpos Gerentes, vai o nosso agradecimento, neste caso com particular carinho, para o «histórico» Presidente da Assembleia Geral, pelo total apoio que deu ao Clube, reservando-lhe também uma assídua cobertura no Jornal de sua propriedade.

Quanto à actividade administrativa deste ano, salientamos a entrada de posse da Sede do Clube, onde agora, para além das Assembleias Gerais, se podem reunir diariamente os seus associados, numa confraternização que acaba por dar um importante contributo financeiro, contribuindo assim para a obtenção do saldo positivo das nossas contas.

Sobre estas propriamente ditas, relevamos em primeiro lugar o esforço realizado para a sua correcta apresentação, o que nos permite concluir de um franco resultado. Pretendemos neste aspecto específico, deixar claro que por um lado se considerou a data de 30 de Junho para encerramento contabilístico

desta época e que por outro, não se estabeleceu para já o Balanço Económico do Clube, visto não se ter feito ainda, entre outras coisas, a escritura da Sede, Não sendo assim possível determinar com rigor e propriedade o Activo do Clube, que nos permita definir com clareza a desafogada Situação Líquida, bem como o lucro exacto deste exercício.

Por este facto, no estrito cumprimento dos nossos estatutos, que até são omissos efectivamente neste ponto, apresentamos por ora, a exemplo dos anos precedentes, apenas o resultado de Caixa, que neste caso atinge o valor de Esc. 222.020\$00, que obviamente é muito inferior ao benefício real obtido, repetimos, visto no referido resultado estar incluído um montante que excede largamente um milhão de escudos, que se destinou à compra de máquinas e utensílios para a Sede, e que de forma alguma podem ser considerados como uma despesa a ser amortizada em apenas alguns meses.

Nesta conformidade, e para que fique de exemplo às direcções vindouras, comprometemo-nos até à tomada de posse dos novos Corpos Gerentes, elaborar o citado Balanço, fazendo assim mais do que somos obrigados e daquilo que os estatutos impõem.

Finalmente agradecemos a todas as entidades, organismos oficiais e particulares que nos ajudaram, com relevância à Presidência da Câmara Municipal de Esposende, pelo grande apoio que sempre deu às nossas solicitações.

Apresentamos ainda à Comunicação Social, pela divulgação que deu às nossas actividades, os nossos agradecimentos.

Terminamos com uma saudação à massa associativa pela confiança que nos deu e pelo apoio constante ao seu Clube.

PARECER DO CONSELHO FISCAL

De acordo com o que estatutariamente está consignado, foi analisada a situação económica e financeira do nosso Clube, referente à época de 89/90.

Depois da observação atenta dos livros e do relatório de contas da Direcção, apresentados a devido tempo, conclui este Conselho, estarem os referidos documentos em conformidade com os movimentos efectuados.

Atendendo ao êxito administrativo que as contas apresentadas testemunham e com saliência para:

- 1) — Abertura da sede social, a aquisição do seu equipamento e a sua manutenção;
- 2) — Aquisição da carrinha do Clube;
- 3) — Obras de beneficiação do património do Clube, no campo de jogos;
- 4) — A participação em actividades sócio-culturais da Vila de Fão, o que nos merece referência especial;
- 5) — A gestão exemplar dos orçamentos previstos com a sua equipa de futebol, o Presidente do Conselho Fiscal, toma a liberdade, de propor a aprovação do Relatório de Contas, com um voto de louvor, pelo esforço desenvolvido pela actual Direcção, no sentido do engrandecimento do património e defesa do bom nome da colectividade.

Fão, 15 de Junho de 1990.

O Pres. do Conselho Fiscal

MANUEL JOÃO DE OLIVEIRA CARVALHO DE MATOS



PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Mais um ano escolar terminado, e eis as merecidas férias. Oxalá que os resultados tenham sido óptimos e que o esforço dispendido durante o ano lectivo tenha sido compensado. Para todos, boas férias!

PAUSA PARA SORRIR

Um cavalheiro muito distraído dançava, num baile, uma dança em que, trocando de pares, tinham que acabar voltando, cada cavalheiro, a dançar com a senhora que tinha sido o seu primeiro par.

Como esse senhor, na altura de procurar o seu par primitivo, não conseguisse lembrar-se de quem era a dita senhora e se tivesse colocado junto de outra, que tinha outro par, esta diz-lhe delicadamente:

— O senhor desculpe, mas não é daqui...

Distraído como sempre, ele responde, muito sério, sem se afastar:

— Não sou não, minha senhora. Sou de Felgueiras.

...

Duas jovens conversam, durante imenso tempo, acerca de sapatos, vestido, casacos, etc. O pai, que estava por perto, saturado de as ouvir, desabafou:

— Que coisa, meninas! Só falam de ninharias! Não são capazes de falar de coisas mais elevadas?

Responde uma delas, prontamente:

— Claro, Paizinho! Agora vamos falar de penteados...

PARA TODO O MUNDO

*Ouve
Cria
Deseja
Ama
Sonha
Recria
Aprende
Se tu souberes bem
Tudo o que estás a fazer
E por quem o fazes,
Então serás feliz,
E ninguém mais
Precisa de matar.
E ninguém mais
Precisa de odiar.
E o mundo será capaz
De amar e repartir.*

JOSEFINA

HISTÓRIA DA VIDA

*No rochedo alto a galvota olhou
Com um olhar confiante,
E admirou o brilho do Sol
Nas águas calmas do mar,
Ao fim da tarde.
Sentiu o calor do Sol
E a carícia do vento.*

*Abriu as asas e voou.
Gritou de alegria.
Emprestou a sua liberdade
Ao olhar do Homens.
Mas quando mergulhou
No seu amado mar,
Ficou presa numa
Mancha negra.*

*E durante toda a noite
Ali permaneceu,
Lançando os seus gritos aflitivos
Numa súplica de socorro.
É preciso salvar a Natureza
Antes que ela feche os olhos
E deixe de nos iluminar
Com o brilho da Vida.*

MARTA

HISTÓRIA INACABADA

(Cont. do n.º anterior)

Por HELENA BANCO

Veio a tropa. E o Manel andava entusiasmado. As coisas que ele contava! Agora já sabia! Ia ser mecânico. Descobriu na tropa que tinha jeito para aquilo. Gostava de tudo o que fossem carros, peças, máquinas. E tinha «ouvido»! Era preciso «ter ouvido» para saber onde estava a avaria! E não havia carro, jeep ou camião que ele não pusesse a andar. Agora sim, agora é que ia ser! E era um negócio que rendia, diziam-lhe os companheiros que sabiam daquilo. Haveria de ter uma oficina sua, pois então? Haveria de ser senhor de si próprio! E a vaidade que já se lhe notava quando assim falava! Até se tinha esquecido que não queria que o seu pai soubesse dos seus sonhos.

E este, o sr. João da Eira, ouvia o seu filho mais novo, embasbacado, perguntando-lhe como é que ele podia ter mudado tanto em tão pouco tempo?! Não havia dúvida. Fora a tropa. Tinha-lhe dado a «volta ao miolo». Então o Manel, o seu Manel, tão bom lavrador, tão obediente, tão respeitador, sabendo que o seu maior sonho era que ele fosse o seu continuador no amanhã daquelas terras, o mador naquela casa que já vinha dos seus bisavós — ou até dantes — não lhe vinha agora com aquela ideia maluca de ser mecânico de automóveis? Como poderia ser aquilo? Era tão pouco o tempo, porém, que o seu filho passava em casa que ele, João da Eira, não iria estragar tudo, não iria protestar. Logo logo o filho teria de regressar ao Quartel e era bom que não houvesse ralhos nem zangas durante as folgas do Manel. Até porque ele continuava a ajudá-lo, sempre que vinha a casa. E o seu ar alegre quando tratava do gado ou andava pelos campos. Não... aquilo haveria de lhe passar.

O Manel, porém, é que não tinha tais ideias. Gostava da terra, sim senhor. Gostava do cheiro da erva, gostava dos campos, gostava do ar puro e livre dos montes. Mas queria ir mais além, queria ir mais longe! E a sua Ana que cada vez estava mais bonita! Até tinham dito que, aproveitando a sua ausência, na tropa, não faltava quem fizesse ronda à sua Ana, tentando namorá-la. Mas ela não. O Manel era o seu namoro, era dele que ela gostava, era com ele que haveria de casar e ir um dia p'rá cidade, onde haveriam de ter uma vida bem diferente. Bem podiam tentar, mas o Manel andava-lhe no coração. Seria para ele e p'ra mais ninguém.

Depressa, porém, correram os meses e logo o Manel partiu p'rá guerra. A guerra, a maldita guerra.

É verdade que da freguesia já tinham ido uns tantos e nenhum tinha morrido. Se Deus quizesse também ele haveria de voltar. Então sim, haveriam de começar a realizar-se todos os projectos que sonharam. E ele até ia «recomendado» à Senhora do Amparo, que tinha a sua capelinha no Cimo do Monte. Ela haveria de proteger o seu Manel.

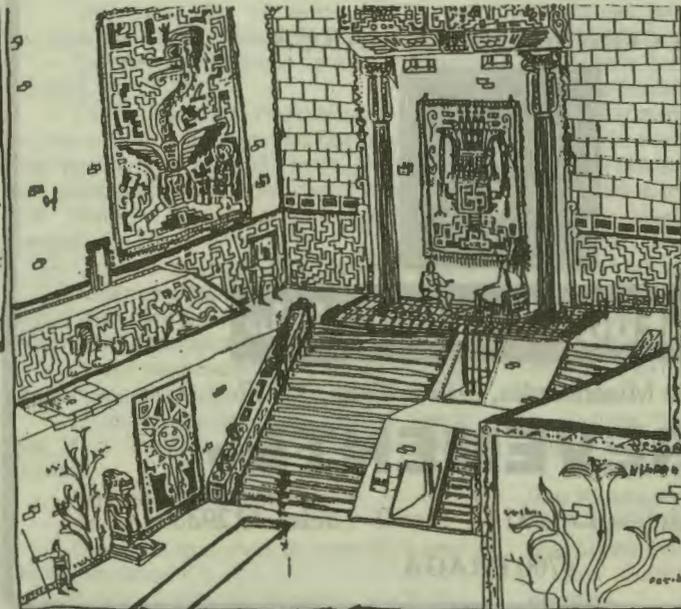
Pena é que a mãe do Manel estivesse pior. E o seu pai, coitado. É verdade que já não eram muito novos, principalmente o seu pai, que nunca mais foi o mesmo homem desde que lhe faltou a mulher. Ela, Ana, embora novinha nesse tempo, sempre tratou dele o melhor que sabia. Mas a morte da sua mãe, tinha-lhe feito muito mal. Agora a sr.ª Rosa da Eira, essa era a doença. Dizia-se que não tinha cura! Coitado do sr. João! Coma mulher assim, um filho na guerra e outro emigrado, a vida lá na Eira iria ser difícil. Sempre que pudesse iria lá dar uma mão.

(Continua)

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE:

Impetus 

5 0000...



(Continuado do n.º anterior)

(Continua)

DE APÚLIA

AINDA A FEIRA — Já no último número deste jornal deixamos implícita a nossa opinião acerca da feira semanal que se vinha realizando há anos, às quartas-feiras, nos meses de Julho e Agosto. Não pretendemos fazer desta opinião um dogma, mas, sem falsas modéstias, julgámo-nos mais documentados e esclarecidos do que uma grande parte dos que a contestam ou a defendem.

Apesar de todo o alarido e folclore feito pelos cafés, (aqui pensa-se que a razão está com quem fala mais alto), continuamos a julgar que se prestou um bom serviço à comunidade apulense, não a permitindo, sobretudo nos locais onde vinha a ser feita.

As pessoas, às vezes, na sua boa fé, não se apercebem facilmente dos prejuízos ou benefícios de certas atitudes. Por amor ao seu semelhante? — Por falta de exercício mental? — Por despeito? — Por amor à sua terra não é, seguramente. Não se pode querer para uma coisa nossa, aquilo que a prejudica mais do que a beneficia.

Numa coisa todos estamos de acordo. A questão foi polémica e dividiu a população de Apúlia. Não há que escondê-lo. e aí é que reside o grande mal. Não interessa saber qual das duas correntes é a maior e tem mais razão. O que importa, para bem do progresso enorme que se vislumbra a curto prazo para Apúlia, é que não se extremem posições, e que não se tomem atitudes menos correctas, que podem redundar em prejuízo de todos, e não de uma só das partes.

E, quanto à feira, que se arranje um local alternativo. Somos por essa solução.

Têm a palavra os que a defendem, mesmo contrariando ou diminuindo o bom nome da Autarquia local, que muitos desses, afinal, ajudaram a eleger.

TRÂNSITO — REGULAMENTO/SINALIZAÇÃO — Uma das pequenas coisas que não se fazia em Apúlia, era regularizar e sinalizar o trânsito na época balnear, na zona da Praia. E, como se viu, até nem era difícil. Só que, convenhamos, as anteriores Juntas de Freguesia não teriam as facilidades e possibilidades que a actual usufrui. Os motivos são tão ábvios que todos os apulenses os conhecem.

A Câmara, por sugestão da Junta de Freguesia, supomos, na parte que nos diz respeito, aprovou este ano postura de trânsito, para Esposende, Fão e

Apúlia. O principal estava feito, e a partir da qual era uma questão de tempo para a «feitura» e colocação dos respectivos sinais.

O trânsito em Apúlia passou a ser disciplinado e os benefícios para os utentes estão à vista.

Só que, como não há bela sem senão, também aqui há discordantes da metodologia seguida. Contesta-se, fundamentalmente, o sentido que se deu ao trânsito na Avenida da Praia. Há os que defendem, e nós estamos incluídos nesse número, que o trânsito nessa via de comunicação, que é a principal de Apúlia, até pelo comércio que lhe está subjacente, devia ser feito da forma inversa, isto é, como entrada e não como saída. Para saída existem as ruas laterais do Cruzeiro e do Facho.

Um assunto que certamente não deixará de ser estudado e ponderado.

ESTACIONAMENTO — Um dos grandes males para o escoamento do trânsito de Apúlia, no Verão, é o estacionamento selvagem de carros, nas principais vias de comunicação da Vila.

A nova Postura de Trânsito, já em vigor, vai solucionar em grande parte este autêntico atentado aos direitos de cada um.

Mas para isso é urgente que, quem tem o dever de zelar pelo seu cumprimento, actue com presteza, sobretudo nos casos mais gritantes. Não pode acontecer mais aquilo que já vimos ali no cruzamento da Rua do Cónego junto à Colónia das Freirinhas: populares a mudar um carro ligeiro para poder passar um autocarro de passageiros. Compreendemos que no princípio é conveniente um certo abrandamento, mas nem oito nem oitenta. assim é que não.

NOVOS BALNEÁRIOS — A nossa praia já estava dotada de balneários públicos, na parte Norte, e no Centro, há alguns anos. Pois também agora, a parte Sul, já dispõe de balneários, junto à Avenida da Colónia, e sensivelmente a meio desta via.

Um bom melhoramento, que se fez quase sem ser notado.

ÁGUA — Ainda não foi desta que a água chegou a toda a Apúlia, com a fatura indispensável. A colocação de nova canalização também ainda não está completa, e esse facto, contrariando, ao que pare-

ce, promessas feitas, está a dificultar o trânsito, de muito maior volume nestes meses de verão.

LIXOS — Não é de agora que os contentores de lixo existentes na zona da Praia, são insuficientes nos meses de verão, dada a quantidade de lixo que normalmente se amontoa todos os dias junto de grande parte deles.

O que é de agora, e isso ainda vem agravar aquele mal, é o levantamento desse lixo passar a ser feito da parte da tarde dos dias úteis, deixando em «exposição», por mais algumas horas, aquilo que prejudica a saúde e faz mal aos sentidos.

Muitos desses contentores, se não todos, nunca foram desinfectados. talvez no fim de verão fosse boa altura para o fazer.

BANDEIRA AZUL — Desde o dia 17 deste mês que flutua na nossa Praia, a Bandeira Azul, com as estrelinhas da Comunidade.

A cor é bonita, mas também é bonito e gratificante, aquilo que ela representa: símbolo de qualidade. Marca de garantia.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO — Festejou ontem, 23 de Julho, mais um aniversário natalício, a senhora D. Maria Emília Mariz Figueiredo, esposa do senhor Alberto Queiroga Figueiredo, Presidente da Câmara de Esposende, e sua colaboradora nas Empresas Figueiredo & Mariz, L.da, sediadas em Apúlia, Barqueiros e Vila Seca.

Este jornal, que considera a família Figueiredo como bons amigos, deseja à ilustre senhora muitas felicidades, e a repetição por muitos anos e felizes anos, desta efeméride.

FESTAS RELIGIOSAS DE APÚLIA — Como é tradicional, Apúlia vai festejar a Virgem Maria, na invocação da Senhora do Amparo, e da Senhora da Guia, que se veneram nas suas capelinhas de Criaz, e da Arcia, a primeira nos dias 10, 11 e 12, a segunda nos dias 17, 18 e 19 de Agosto.

Do programa da Senhora do Amparo, destacamos: Zés Pereiras nos dias 9, 10 e 11; Procissões, nocturnas e diurnas nos dias 10 e 12; actuação de conjuntos musicais em 10 e 11; participação de artistas da canção de nomeada, como Paula Sá, Cristina Monteiro e Cândida Branca Flor. Bandas de Música, Fanfarras, Festival folclórico e fogo de artifício, preso e aquático.

Merecem destaque, no programa da Senhora da Guia, as Procissões, o Sermão da Praia, o Arraial Nocturno, a participação do Trio Odmira, o Festival de Folclore com a participação de sete Ranchos Folclóricos de nomeada e a participação, pela primeira vez em Apúlia, da Fanfarrá da Marinha. As Festas serão abrihantadas por uma Banda Musical e por fogos de artifício, preso e de jardim.

Dado o aliciente dos programas, estão em perspectiva duas grandes romarias em Apúlia durante o mês de Agosto.

ÓPTICA *Oliveira*

ALEXO FERREIRA, LDA.

APRESENTA AOS SEUS CLIENTES EM «EXCLUSIVO»

AS COLECÇÕES/90--ARMAÇÕES E ÓCULOS SOL

DA CONCEITUADA MARCA



«O REQUINTE EUROPEU»

Rua da Misericórdia, 6-12 -- Telef. 75777

«BREVEMENTE»

C.C. Granjinhos, Loja 518 -- Piso 2 -- Telef. 612933

4700 BRAGA

A BRASILEIRA
PORTO



Nós somos café

MÓNICA, UMA ATLETA CANOISTA, CONFESSA-SE

A canoagem vai de vento em popa. Belmiro Penetra anda pela estranja e vai acumulando vitórias sobre vitórias. É já um ídolo. O sector feminino continua, porém desfalcado. Hoje resolvemos ouvir uma atleta que começa a dar nas vistas. Chama-se Mónica, mais correctamente, Mónica Martins Oliveira.

- Que idade tens?
- Catorze anos.
- Em que ano andas na escola?
- Passei para o 10.º ano.
- Há quanto tempo praticas canoagem?
- Fez no dia 12 de Julho um ano.
- Como é que foste para a canoagem?
- Primeiro foi a minha irmã que queria andar nas canoas, mas como não tinha idade, não pôde ir. A sede da canoagem é perto da minha casa e eu via as minhas colegas a praticar. Resolvi ir também.
- E hoje gostas muito da canoagem?
- Gosto muito mesmo.
- Parece-te que é possível conciliar os estudos com os treinos?
- Eu creio que sim. Com um bocado de boa vontade consegue-se coordenar as duas classes.
- Em que classe estás tu, se é assim que se diz?
- Estou no primeiro ano de cadete.
- Quais as classes que existem?
- Há os infantis, cadetes, depois os juniores e os seniores.
- Em que idade se pode estar nos cadetes?
- Dos treze aos dezasseis anos.
- Tem havido progressos nas tuas classificações?
- Não tanto, embora também seja certo que as primeiras provas que fiz na iniciação ficava sempre nos primeiros. Depois passei a cadete. Naturalmente que aí havia canoistas melhor que eu, mas agora estou a subir.
- Em que provas já tomaste parte?
- Em Prado, Valença, Crestuma, Arnelas, Alhandra, Viana, Barca do Lago, Esposende e Barcelos.
- Já conseguiste alguns primeiros lugares?
- Como infantil, obtive vários. Como cadete, já consegui um terceiro lugar.
- A canoagem entusiasma-te pelo ardor das provas ou notas que há um ambiente especial entre os teus companheiros?
- Eu acho que é mais por isso, pelo bom ambiente que existe entre todos. É mais esse aspecto do que propriamente a competição.
- No último número deste jornal, o Joaõ Pedras dizia que foi assistir a uma prova de canoagem e ficou muito sensibilizado pelas mostras de amizade e companheirismo que verificou entre nós. O norte dava-se com o sul, ambos com madeirenses. Havia uma grande alegria entre todos. É isso que se passa?
- Exactamente. Conhecem-se mais pessoas e fazem-se amizades.
- Ficaste, portanto, com mais amigos?
- Amigos em Portugal e até em Espanha com quem disputamos provas. E com rapazes e raparigas de clubes portugueses. Conheço-os quase todos.
- Olha lá, se os teus pais te dissessem: «acabou a canoagem. Vamos estudar». O que é que fazias?
- Eu acho que deixava de estudar. Não faço ideia.
- Achas que é importante a acção dos pais?
- Eu penso que se não fosse o apoio dos pais, acabávamos por perder o gosto por aquilo.
- Então tem havido da parte dos teus pais um grande apoio?

- Sim, sim, têm-me apoiado bastante.
- E a tua irmã?
- Como já disse, ela gosta muito da canoagem. E até vai entrar. Eu já ando a treiná-la.
- Quem é o teu treinador?
- O meu treinador é o lázaro Penetra, irmão do Belmiro.



Mónica Maria Martins Oliveira

- O Belmiro para vocês o que representa?
- Um ídolo. É o nosso herói. Tentamos seguir todos os passos que ele dá para chegar até onde ele chegou.
- A canoagem pratica-se no rio. Isso ajuda a criar um certo respeito por ele, um certo carinho.
- Eu creio que sim. Quando andamos a fazer provas e encontramos qualquer coisa que nos choca como o lixo, nós consciencializamo-nos que não podemos fazer aquilo pois não conseguimos fazer bem as provas e isso dá-nos um sentimento de repúdio.
- Portanto, um canoista é automaticamente um amigo do rio?
- É fundamentalmente isso.
- Já fizeste alguma coisa em que se prove que um canoista é verdadeiramente um amigo do rio?
- Acho que sim. Quando vamos fazer piqueniques e quando nos apetece lançar os restos ao rio, logo alguém nos chama a atenção de que não podemos fazer isso.
- Tens escrito a algum ou a alguma canoista?
- Escrever não o tenho feito, mas correspondo-me por telefone.
- Que perspectivas vês para a canoagem de Fão?
- Com o projectado Posto Náutico vão surgir mais atletas, vai surgir mais gosto por aquilo e vai desenvolver-se muito mais. Se nós com más condições temos tido bons resultados, com melhor apetrechamento vamos ser campeões.
- Quantas raparigas estão na canoagem?
- Estamos três. Duas cadetes e uma infantil. Havia mais uma depois, sem o apoio dos pais, foram abandonando.
- Qual a recordação mais importante que tens da canoagem, decorrido este primeiro ano?
- Foi com uma prova em Óbidos. Passamos lá o fim-de-semana e fizemos muito convívio.
- Gostaste de Óbidos?
- Adorei. Nunca lá tinha ido.
- O que foi que mais te chamou a atenção nessa terra?
- Principalmente as muralhas que lá têm,

as casinhas pequenas, do mesmo estilo e a ausência do cimento armado.

- Quantos canoistashá em Fão?
- Estamos inscritos 70, mas nas provas aparecem menos.
- Quando e como treinas?
- Faço 5 ou 10 quilómetros por dia. De inverno e verão. Quando fazemos cinco quilómetros, vamos à Barca e vimos. Para fazer os 10, subimos até perto do Marachão. Já viemos de Barcelos até cá. Nos açudes vínhamos com as canoas às costas.
- Tu pensas atingir a craveira de campeã?
- Eu acho que sim. Tenho de me esforçar mais, de treinar, mas hei-de lá chegar.
- Com a ajuda da Mónica fizemos uma viagem ao interior de uma modalidade que está bem movimentada em Fão. Fazemos votos para que o almejado, prometido e sempre sonhado pavilhão náutico seja uma realidade.

FALECIMENTOS

Coma a avançada idade de 90 anos faleceu **Ciro Gonçalves Figueiredo**, último abencerragem dos bombeiros fundadores de Fão.

Durante muitos anos foi porta-estandarte Comandante interino. O seu desempenho em dois incêndios na nossa terra, um junto à loja da Consul, outro na casa das Senhoras Marinhas, creditaram-lhe uma auréola de bombeiro destemido e sabedor.



Foi também um exímio carpinteiro naval, tendo trabalhado com os mestres Linhares, Zé Borda, Sinaré e Francisco Ferreira.

O seu enterro, muito concorrido, foi uma verdadeira manifestação de pesar e estima. Fão mobilizou-se para homenagear um bombeiro que se dedicou com toda a alma à Corporação que ajudou a fundar. A urna, contendo os restos mortais, foi transportada aos ombros dos bombeiros desde a Igreja Matriz ao pronto-socorro. O préstito fúnebre passou depois frente ao quartel, tendo-se feito ouvir as sirenes num último adeus de despedida. Tanto o Corpo Activo como a Direcção dos Bombeiros estiveram representados na sua máxima força.

Ciro Figueiredo era uma legenda viva dos Voluntários de Fão.

Vítima de doença que não perdoa faleceu em Fão, com 63 anos de idade, **Carlos Rodrigues da Costa**.

Com 75 anos de idade morreu **Isaura Morão de Araújo** que estava internada no Lar.

Faleceu igualmente no Mês de Julho **Adeílino Henriques Ferreira**, funcionário da Junta.

Com a idade de 80 anos faleceu **Maria Barbosa Soares** que foi enterrada no cemitério local. Aos familiares apresentamos sentidos pêsames.

D. SAPO TINHA PACTO COM O DIABO

(Continuado na pág. 12)

cães e tinha entrado em casa com três. De imediato o Caninhas foi apresentar queixa na Administração do Concelho. D. Sapo foi intimado a comparecer, o que prontamente fez. Quando lá chegou deparou com o dono da cadela, o Sr. Administrador e os empregados. O Administrador voltado para o «D. Sapo» disse:

—O Sr. Caninhas queixa-se de que você lhe roubou uma cadela.

—Saiba Vossa Ex.cia que esse homem ultimamente embebeda-se todos os dias não se importando de caluniar nem que seja Cristo quanto mais a mim.

O Caninhas, homem respeitável, correu para o «D. Sapo» sendo impedido pelos funcionários Cirilo Miranda e Pantaleão.

—Rua com esses tipos ou cadeia com eles — disse o procurador indignado.

«D. Sapo» quando se viu na rua disse com os seus botões:

—Destá estou livre! Agora vou tentar fazer negócio com a espingarda.

O Sr. Amaro não realizou a troca sem que primeiro fizesse fogo com ela. O finório do «D. Sapo» já tinha pedido ao Vasquinho para dar um tiro num papel e ensaiou um rapaz para o meter dentro da camisola e na ocasião própria trocar pelo papel em branco. Foram os três para o pinhal do Fanico. Dependuram o papel em branco e retiraram-se para o lugar regulamentar (quanto mais longe melhor). «D. Sapo» atirou em direcção ao papel. Depois o rapaz fez o resto. Foi ao pinheiro, trocou os papéis e entregou o salpicado com chumbo ao sr. Amaro que disse:

—Perfeito!... Negócio fechado. Aqui tem o dinheiro e a minha espingarda; agora dê-me a sua.

«D. Sapo» entregou a sua espingarda com a certeza que quando lhe metesse um cartucho com chumbo os canos iam pelo ar.

Faltavam apenas uns dias para a época da caça e já o Sr. Amaro com os parceiros dos anos transactos fazia preparativos para a primeira caçada. Chegou o dia e foram distribuídos os lugares de espera enquanto os cães trabalhavam. Ouve-se um grito:

—Coelho!...

O Sr. Amaro voltou-se e desfechou à queima roupa não vendo mais nada porque o cão rebentou e ele ficou quase cego. Quando melhorou, apresentou queixa contra o «D. Sapo» na Administração:

—Eu não aceito mais queixas contra esse homem. Ele acaba sempre por ter razão — disse o Administrador voltado para os funcionários.

A irmã da Sr.^a Teodora, mãe da Miquinhas, quando morreu, deixou à guarda da irmã algum dinheiro para a criação da Miquinhas. Foi precisamente quando o dinheiro acabou, que a Sr.^a Teodora chamou o marido e disse:

—Bim-Bim, não há mais dinheiro e para a não obrigar a passar fome temos que lhe arranjar uma casa boa em Esposende... — ele não esperou que ela concluísse por palavras o pensamento que teve:

—Não... a Miquinhas não sai de casa. A mãe dela até se levantava da sepultura. Tu, sim, porque já tens idade e ninguém te faz mal; vais de manhã e vens dormir a casa. Eu já tenho trabalho; vou tomar conta, de noite, de dez leiras de batatas no campo do Rego; eram onze mas o agiota de Zé das Teias diz que enquanto tomo conta das outras, também olho pela dele. Eu lhe juro que se vai enganar e juramento de «D. Sapo» é sagrado.

De acordo com a vontade do marido e já com o seu emprego assegurado, deu instruções à sobrinha:

—Ouve, Miquinhas, eu tenho de trabalhar de sol a sol. Tenho de sair de casa antes do Bim-Bim chegar; o teu café e o dele fica feito; a cafeteira está no rescaldo da lareira. Pa-

ra o jantar tens as sardinhas já com sal; cozes as batatas e com as brasas que ficam assas as sardinhas. O pão e o vinho estão dentro da maceira.

—Está bem, titia.

Quando a Sr.^a Teodora chegou do trabalho, perguntou à sobrinha se o Bim-Bim tinha ficado satisfeito.

—Ficou, mas disse que a cama estava gelada; esteve mais de meia hora a bater os dentes... Até cortou a alma vê-lo assim...

—Dizes bem: temos que ter coração e, de hoje em diante, vens dormir comigo podendo ficar na cama até ele chegar.

Quando o «D. Sapo» chegou, ficou admirado por ver a Miquinhas na sua cama.

—Porque vieste para aqui?

—Eu e titia temos coração e ela disse que eu ainda ficava na cama até o Bim-Bim chegar para não ficar a tremer de frio como ontem. Agora enquanto se despe eu vou buscar café.

—Não, eu vou. Tomo o meu e 'trago o teu que tomas deitada, para a cama não esfriar.

A Miquinhas só se levantou quando viu que ele estava a dormir muito quentinho. Na segunda manhã era ela que tremia muito aconchegada a ele enquanto ele a aquecia... Daí por diante as manhãs eram deliciosamente amorosas.

Dois anos decorridos e a Miquinhas apareceu grávida. Muitas lágrimas correram sem saberem de quem era a culpa e qual o futuro que esperava a criança que ia nascer. Um dia «D. Sapo» tentou exugar aquelas lágrimas voltando-se para a mulher:

—Que esperavas quando a mandaste para a minha cama?!... Julgavas que ela era como tu, que nunca me deste um filho? O filho é de nós três e pronto. Agora está na hora de fazer contas com o agiota. Estão aqui três sacos: têm que vir cheios. Há dois anos que tomo conta das batatas; agora ele vai pagar com juros. temos que trabalhar toda a noite, mas ficamos com batatas para todo o ano.

(continua)

António Agonia Pereira

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.ª — Telefs. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZÉNS:

Rua Roberto Ivens, 903 — telef. 930647
4750 MATOSINHOS

Dicionários EDITORA

A vasta coleção «Dicionários Editora» acaba de ser enriquecida com a publicação da 8.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra inovadora para o nosso país, feita em moldes modernos utilizando-se em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria geral, como de especialidade. Esta edição não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do significado de palavras e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa — 8.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua de Restauração, 365/4099 PORTO CODEX
LIVRARIA ARNADO, LDA. Rua de João Machado, 9-11/Apart. 375/3007 COIMBRA CODEX
IMP. L. FLUMINENSE, LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8-A/1200 LISBOA

FOLHA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA DA BATATEIRA

(Continuado do número anterior)

Variedades para a Indústria

Embora diversas variedades de consumo como a «Bintie», «Désirée», «Home Guarda», «Record», etc., possam ser utilizadas pelas indústrias de batata frita, de batata desidratada ou de batata enlatada, nas suas

múltiplas formas, existem variedades particularmente indicadas para aproveitamento industrial com o máximo de rendimento em qualidade. Estão nesse caso «Maritta», «Multa», «Saturna», «Amex», «Flora», «Goliath» e muitas outras. Destinam-se estas variedades em especial à extracção de amido de glucose e de dextrinas, ao fabrico do álcool, à produção de flocos, de sêmola e de farinhas, etc., além da utilização corrente acima referida.

Variedades forrageiras

A batata é utilizada em larga escala em muitos países na alimentação do gado e das aves. Crua é consumida por bovinos e ovinos: cozida, por porcos, cavalos e todas as aves. O valor nutritivo da batata é, para pesos idênticos, de 1/4 a 1/5 do valor nutritivo do milho e da cevada. Naturalmente que as técnicas do melhoramento criaram variedades adequadas a uma função forrageira. Assim, surgiram entre muitas outras «Cosima», «Datura», «Alma», «Bodenkraft», «Merkur», «Parnassia», «Tasso», «Uran», etc., para se citarem as utilizadas em maior número de países da Europa. São tudo variedades que alcançam com facilidade teores de amido da ordem dos 20% e, algumas delas são, paralelamente, empregadas na alimentação humana sempre que o paladar aceite batatas farinhentas.

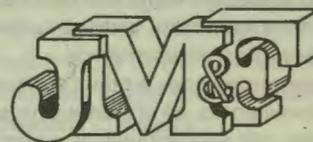
Pré-abrolhamento dos tubérculos

O pré-abrolhamento ou abrolhamento prévio dos tubérculos é a operação pela qual, com o devido controlo da luz e da temperatura, se levam os tubérculos a abrolhar ou grelar antes da sementeira.

O tubérculo já grelhado vai para a terra

em condições de imediato desenvolvimento; a nascença é rápida e mais cedo a planta inicia o seu crescimento. Há, assim, um encurtamento do ciclo vegetativo que corresponde desde logo a uma vantagem do sistema. Com a prontidão da nascença reduz-se também a probabilidade de podridões ou ataques de insectos roedores que inutilizem tubérculos e origemem falhas de plantas no campo. Mas

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Aduos Químicos • Insecticidas
Sementes Hortícolas • Batata de Semente •
Importador Exportador

SEDE
A-Ver-o-Mar ☎ 681765 PÓVOA VARZIM
FILIAL
R Filipa Borges ☎ 812199 BARCELOS

a vantagem mais importante do pré-abrolhamento é a possibilidade de, no momento da plantação, se escolherem os tubérculos com brotos são e bem desenvolvidos que dão garantia de uma boa multiplicação. Se se eliminarem em particular os tubérculos não grelhados e os tubérculos com grelhos longos e finos, quase sempre indicadores de ataque de vírus, que dão origem a plantas fracas com baixa produtividade, pode-se ter a certeza de aumentos substanciais da produção do campo.

Acrescente-se ainda que a maior uniformidade das plantas na cultura e o seu regular crescimento facilitam os amanhos e os tratamentos, reduzindo-se encargos e aumentando-se eficiência.

O pré-abrolhamento faz-se em tabuleiros de sete a dez quilos nos quais se colocam as batatas com a coroa voltada para cima. Os tabuleiros são sobrepostos de modo a consentir um arejamento e uma iluminação uniformes. Um estrado ou uma camada de caixas sem batatas constituirão protecção suficiente contra a humidade directa do terreno. Em armazéns devidamente preparados para o efeito — o que só será economicamente viável para agricultores de razoável dimensão de propriedade ou para cooperativas de produtores — a ventilação, a humidade, a temperatura e a luz são controladas artificialmente.

Mas, o pré-abrolhamento não exige obrigatoriamente grandes armazéns. Um simples alpendre ou telheiro e umas cortinas de plástico transparente ou opaco, que permitam manter as caixas ao abrigo da luz directa do sol, dos ventos frios ou dos calores excessivos, podem chegar para conduzir a bom

(Continua na pág. 10)

Basta[®] a melhor alternativa

Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o
Departamento de Agricultura da
Hoechst Portuguesa S.A.

Apartado 6 2726 Mem Martins Codex
Telefone 9 21 21 60

Filial: Av. Sidónio Pais, 379
Apartado 1311
4201 Porto Codex
Telefone 66 70 51

Hoechst - um amigo
na agricultura

Hoechst 
Cap. Soc. 1.200.000.000.000 Cont. Reg. Com. Entre. n.º 1420

(Continuado da pág. 9)

termo a operação desejada. Consoante as condições locais haverá que proceder a ajustamentos de método mas será a prática a indicar o caminho a seguir.

Luz difusa, temperaturas em torno de 15°C, humidade relativa elevada e arejamento suficiente são as condições mais favoráveis. Tenha em atenção que o arejamento excessivo pode provocar abaixamento de temperatura e certamente reduz a humidade indispensável ao normal abrolhamento dos gomos.

A operação do pré-abrolhamento inicia-se cerca de um mês antes da data da plantação variando com as condições conseguidas e com as variedades, uma vez que nem todas correspondem com a mesma rapidez ao tratamento, visto possuírem diferentes períodos de dormência.

As sementes com brotos curtos e grossos, provenientes de tratamentos em boas condições, são susceptíveis de serem semeadas à máquina sem qualquer inconveniente.

Compassos

Um batatal bem estabelecido deve comportar cerca de 40 000 covas por hectare, o que se consegue com compassos de 50 x 50 cm, de 60 x 40 cm ou 70 x 35 cm. As linhas a 50 cm são correntemente utilizadas em Portugal onde a cultura manual é ainda mais comum. Contudo, sempre que se pretenda mecanizar a cultura haverá que adotar distâncias entre linhas da ordem dos 60 ou 70 cm ou maiores ainda, dependendo das máquinas utilizadas. O que se perde nas entrelinhas ganha-se dentro das linhas aproximando as covas sem inconveniente de maior, excepto para as variedades muito vigorosas de grande porte.

O maior afastamento das linhas permite uma mais fácil amontoa, evita que os flancos dos camalhões sejam calcados pelo rodado do tractor e reduz o trabalho total das máquinas. As plantações demasiado apertadas favorecem as doenças, em particular

as podridões e a formação de numerosos tubérculos muito pequenos. Contudo, as variedades precoces são plantadas em geral mais juntas do que as tardias em virtude do seu menor porte e da menor preocupação sobre a dimensão do tubérculo.

Plantação

A terra para a sementeira deve ser bem preparada e deve estar num grau de compactação e humidade convenientes. Muito frouxa ou enterrada provoca a secagem dos tubérculos por excessivo arejamento e impede o crescimento normal das raízes. Como o desenvolvimento dos rebentos está dependente do das raízes, nessas circunstâncias a nascença retarda-se e é irregular e o número final de rebentos por Tubérculo é frequentemente mais baixo.

Nos solos mais argilosos a sementeira deve fazer-se no dia da preparação; nos arenosos é preferível deixá-los «assentar» para que a semente não fique em terra demasiado fofa com os inconvenientes apontados.

O trabalho da plantação faz-se à enxada, à charrua e à máquina plantadora. Em qualquer circunstância deve manter-se a máxima regularidade e colocar tanto quanto possível os tubérculos com a coroa para cima, o que nas máquinas totalmente automáticas não é viável. Esta desvantagem é, contudo, obviamente compensada por vantagens económicas consequentes duma mecanização completa.

A profundidade de sementeira varia com a natureza do terreno: nas terras arenosas a 10-15 centímetros; nas terras francas a 6 ou 8 cm; e nas terras mais pesadas a 4 ou 5 cm.

Quando se utilize um semeador de boa qualidade que regule bem a profundidade de sementeira o tubérculo deverá ficar, em solos pesados, logo abaixo do nível do terreno amontoando-se depois conveniente e progressivamente por duas ou três vezes, ao mesmo tempo que se procede à sacha mecânica para mobilização da terra que permita o seu arejamento, para abertura dos regos e eventual eliminação de ervas.

NOVO

A MATÉRIA ORGÂNICA
É A BASE
DA
FERTILIDADE

ESTREGUANO

É UM PRODUTO
EXCLUSIVO
DA

ESTRELA ADUBO

Fábrica de Adubos Orgânicos, Lda
Est. N.º 572 - M.ª L.ª
Tel. 53380 Adubo P. - Tel. (032) 51282 - 51283
Aparr. 1048 - 3550 47520

Utilizam-se na plantação 1000 a 15000 quilogramas de tubérculos por hectare dependentemente dos calibres usados.

tubérculos abaixo de 55 mm não devem ser cortados; acima dessa dimensão poderá ser se se proceder com os máximos cuidados, a saber: desinfetar a navalha após cada corte e permitir a suberificação das metades em ambiente húmido. Um meio prático é cortar as batatas quase até ao fim sem as separar e deixar as duas metades juntas até ao momento da plantação em que podem simplesmente ser destacadas à mão. Este corte pratica-se duas ou três semanas antes da plantação.

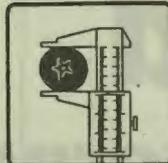
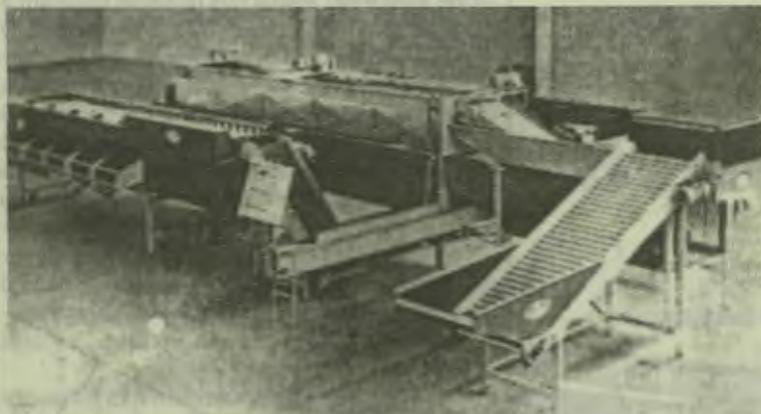
Cuidados culturais

Na cultura da batata destacam-se especificamente duas práticas culturais: a *sacha* e a *rega*.

A *sacha* ao mesmo tempo que elimina as ervas permite o arejamento do terreno, a mais fácil expansão do sistema radicular e o revigoramento dos jovens rebentos e, por conseguinte, tem efeitos reais sobre a produção.

Esta prática é quase sempre acompanhada de amontoa das plantas. A amontoa coloca à disposição da semente um volume maior de terra permitindo uma distribuição dos novos tubérculos que facilita a colheita e reduz os efeitos de escaldão e esverdeamento. Segundo MOORE (1937) as produções em campos amontoados são menores do que em terrenos à rasa mas os tubérculos têm, em média, maiores dimensões, o que corresponde a maior valorização comercial.

CALIBRADORES DE FRUTA



MINI-LINHA COMPACTA

Indicada para
espaços limitados

Rendimento de
2.5 - 3 ton/h

CONSULTE A **Sondeca**

TEMOS A SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA

PARCEIROS — APARTADO 12 — 2401 LEIRIA CODEX • TELFS.: 33 401-34 967 • TELEX 43811 ELIND P • TELEFAX 33693

(Continua no próximo número)

PERDOAI-NOS, SENHOR!

Por várias vezes temos destacado aqui o humor fangueiro. É um tanto parecido com o humor académico que se pratica em Coimbra.

Hoje transcrevemos do livro «Coimbra Minha», da autoria do antigo estudante Camilo de Araújo Correia o texto que se segue e que tem por título PERDOAI-NOS, SENHOR!

É só para comparar.

Lembro-me perfeitamente da primeira vez que vi o Caganeta. Ia pela Rua Larga fora como folha morta tocada por um ventinho de Novembro. O pobre velho incendiava de risos e apupos cada grupo de estudantes por onde passava.

— Adeus, ó Caganeta!

— Caganeta é a p. que te pariu e o corno do teu pai!

Este era o «diálogo» mais repetido. Mas havia outros...

Intrigado com aquela aparente crueldade estudantil, perguntei quem era aquele velhote a um «doutor» que estava, como eu, à porta da Associação Académica.

— Se o caloiro não sabe quem é o Caganeta não sabe nada de Coimbra! — respondeu-me o «doutor» sem mais explicações.

Não tardei a saber. O Caganeta era, há muitos anos, das figuras mais características do meio académico. Quando fui para Coimbra, já ele vivia no asilo dos velhos, mas passeava a fardeta castanha a qualquer hora e por qualquer parte onde houvesse estudantes. Dos estudantes lhe vinha a bucha, o copo, o cigarrito e... as arelias. Muitas arelias...

— Diz que andas a comer as pombas da polícia, ó Caganeta!

— Diz que roubaste as cuecas ao Bispo, ó Caganeta!

Tanto enfureciam as calúnias como o vocativo, pisado e repisado. Estou a ver o seu único dente, o canino inferior esquerdo, a entrar e a sair da boca negra de raiva. Estava tão sensibilizado que se zangava, mesmo quando lhe chamávamos Ricardo, o que, valha a verdade, era muito raro...

O Caganeta tinha um fraco muito forte — a bagaceira. No Inverno, então, o desejo de um «baço» podia mais do que ele. E nós sabíamos disso...

— 'stá um destes frios!... — aparecia a dizer e a esfregar as mãos.

— Está, Ricardo... está... Vai um cálice de aguardente?

— Lá isso... vai!

— Mas só se deixares chamar cinco vezes «Caganeta»!

Aqui o Ricardo parava de esfregar as mãos e olhava desconfiado em redor. Se ninguém estivesse a prestar atenção, dizia baixinho:

— Anda lá!... Chama lá!

O estudante, então, punha-lhe diante dos olhos uma moeda de cinco tostões, segura pelo indicador e o polegar da mão esquerda. Com o indicador da mão direita, bem esticado, fustigava-lhe o semblante, a cada sílaba pronunciada com requintes de crueldade:

— Cal... gal... nel... tal...

O dente do Ricardo entrava e saía da boca como um ratinho hesitante.

— Posso continuar? — perguntava o carrasco.

— Podes... podes... anda lá! — resistia o pobre Ricardo, a pensar na aguardente.

Vês como não custa nada?!... Já chamei uma vez Caganeta, agora só falta chamar quatro vezes Caganeta... O contrato foi chamar cinco vezes Caganeta, não foi Caganeta?

— Foil... Foil... Anda lá!... Porri!... — fervia o Ricardo, já a sentir-se vigarizado.

— Cal... gal... nel... tal... Pronto, agora só falta

chamar três vezes Caganeta, já chamei duas vezes Caganeta...

— Mete a c'roa no cú, meu filho da p.l

O Ricardo partia furioso a olhar para trás e a chamar aqueles nomes lindos do seu riquíssimo vocabulário de injúrias.

Às vezes, quando o frio era muito, resistia ao massacre. Ao ouvir a última sílaba das «cinco vezes» deitava a mão à moeda e fugia como um macaquito que tivesse roubado a última banana do mundo.

Havia outra partida, mais subtil, que gostávamos de pregar ao Caganeta. Combinávamos todos não dar a mínima importância ao Ricardo, quando aparecia à boca da rua como artista aplaudido à boca do palco. Ele passava e repassava, cada vez mais nervoso, e nós moita. A certa altura, não podendo mais, largava a resmungar:

— Já não há academia, nem há nadal... Já não há academia, nem há nadal...

O Caganeta não podia ver o Dim-Dim pela facilidade com que o via ganhar cinco tostões sem qualquer arelia.

Pagaram a assinatura

1986 — Dr. Costa e Silva, Esposende, 500\$00; 1987/88/89/90 — José Amândio Viana Araújo, Fão, 2.250\$00; 1988/89 — Sérgio Grilo, Fonte Boa, 1000\$00; D. Maria José Borda, Fão, 1000\$00; 1988/89/90 — Dr. João Afonso Guimarães, Porto, 750\$00; António Augusto Gabriel, Fão, 1750\$00; Dr. Américo Ribeiro dos Santos, Braga, 2000\$00; 1989/90 — Manuel Gomes Neto, Brasil, 2000\$00; Dr. Américo Setxas, Porto, 1500\$00; 1990 — Manuel Afonso Novo, Fonte Boa, 750\$00; Fernando Linhares de Castro, Póvoa de Varzim, 750\$00; António Paulo de Sousa, Esposende, 750\$00; Alberto Alves Simões, Brasil, 1000\$00; Armando Gomes da Silva, Fão, 750\$00; João Reis Graça, Póvoa de Varzim, 750\$00; Quenor Gomes Ribeiro, Fão, 750\$00; Valdemiro Lopes Cardoso, Fão, 750\$00; José Manuel Andrade dos Reis, Fão, 750\$00; Manuel Lopes, Fão, 750\$00; Abílio Graça do Vale, Fão, 750\$00; José Cardoso, Fão, 750\$00; Alberto Cabeleireiro, Esposende, 750\$00; Com.te Eurico Moura Sampaio e Castro, Fão, 1000\$00; D. M.ª Arlete Carneiro Fernandes, Porto, 750\$00; D. Ana da Costa Figueiredo, Fão, 750\$00; Cândido Casanova, Fão, 750\$00; José da Fonte Gafém, Fão, 750\$00; Manuel Pedras, Fão, 750\$00; Farmácia Higiênica, Fão, 750\$00; António Lopes Monteiro, Barcelos; Francisco Vilar Soares, Porto, 1000\$00; Alberto Ribeiro Bermudes, Maia, 1000\$00; José Manuel Pires Belo, Fão, 750\$00; D. Maria Ferreira Belo, Fão, 750\$00; Artur António Sobral, Fão, 750\$00; João Armando Gonçalves da Torre, Porto, 750\$00; Adelino Campos Monteiro, Fão, 750\$00; Dolor Gonçalves Gouveia, Palbals, 750\$00; João Luís Pereira Reis, Fão, 1000\$00; Manuel Sá Pereira, Estoril, 750\$00; António Cândido Mota Lopes, Fão, 750\$00; António Manuel Sanchez Castilho, Fão, 1000\$00; Manuel Gomes de Sá, Braga, 900\$00; D. Mariana Riedl, Alemanba, 2.636,00; Paulino Pinto de Campos, Porto, 750\$00; Prof. D. Berta Pinto de Campos, Fão, 750\$00; Miguel Guedes Machado, Braga, 2000\$00; Manuel Joaquim Branco da Costa, Fão, 750\$00; D. Adelaide Gonçalves Reis, Fão, 750\$00; Joaquim Amândio Gafém Soares, Fão, 750\$00; Fernando Marques de Almeida, Porto, 1250\$00; P.e Dinis de Vilarelho, Gondomar, 1250\$00; Carlos Alberto Graça Petxoto, Fão, 750\$00; Evangelista Jesus da Silva, Fão, 1000\$00; Domingos de Araújo Ferreira, França, 1250\$00; Casa Bom Jesus, Fão, 750\$00; Artur Sobral, Fão, 1000\$00; João Alves Sousa Gomes, 1000\$00; D. Catarina Assunção C. Gonçalves, Póvoa de Varzim, 750\$00; Domingos Reis d'Assunção, Fão, 750\$00; D. Maria Adelaide Cardoso Balxo, Fão, 750\$00; Joaquim Brito Lacerda, Gala, 750\$00; José Fernandes Branco, Gandra, 750\$00; Manuel da Costa Figueiredo, Fão, 750\$00; Eng. Romualdo Luís Ribera Salcedo, Porto, 2000\$00; Dr. Milton José Sousa Pinho, Esposende, 750\$00; Carlos Maia, Fão, 750\$00; Dr.ª D. Maria Celeste Sá Pereira Portela, Póvoa de Varzim, 800\$00; D. Maria Amélia Gomes da Costa M. dos Santos, Rio Tinto, 850\$00; António Didier Ferreira Gala, Gala, 1000\$00; Mercearia Aurélio, Fão, 750\$00 e Raul Gonçalves Calafate, Fão, 1000\$00.



CÂMARA MUNICIPAL
DE ESPOSENDE

EDITAL

Alberto Queiroga Figueiredo, casado, industrial e presidente da Câmara de Esposende, torna público que, a Assembleia Municipal de Esposende em sua Sessão ordinária de 29 de Junho último, aprovou uma «Alteração à Postura de Trânsito e Estacionamento nas Vilas de Esposende, Fão e Apúlia», cujo teor se encontra para publicação e patente nos Serviços do Sector de Expediente e Informação (SEI) desta Câmara Municipal, por forma a que todos os interessados o possam consultar.

A presente alteração entrará em vigor, com todas as consequências, decorrido que for o prazo previsto no n.º 3 do art.º 21.º da Lei n.º 1/87, de 6 de Janeiro, ou seja 15 dias, da data da publicação do presente edital.

Para constar e devidos efeitos se publica o presente edital e outros de igual teor que vão ser fixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Município de Esposende, 3 de Julho de 1990.

O Presidente da Câmara,
ALBERTO QUEIROGA FIGUEIREDO

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES
Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
José Ferreira Neves
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fangueiro» através dos Correios será por conta do assinante.

GALERIA DOS CENTENÁRIOS

Fez noventa anos em 12 de Julho.

Maria da Conceição Pereira. A Tia Conceição Pacheco. Viúva do Tio Firo.

Lembra-se do rei, das guerras, da fome e da Rua das Pedreiras, com muitas mulheres a trabalharem os campos e os homens trolhas e pedreiros. O Tio Firo era «mestre» em fornos para cozer broa e também fazia barcos.

a Tia Pacheca tinha o seu barco para, a bordejar, carregado de limo, sulcar da barra ao Caldeirão, as águas do Cávado.

Mal chegava o Verão — diz ela — eram mais de vinte barcos que, de manhã cedo, partiam para junto da foz, a apanhar o limo e a botelha, para adubar os campos. A nortada e uma maneta a fazer de vela puxavam o barco, carregadinho até quase meter água. Regressávamos com a maré, umas vezes mais cedo outras mais tarde. Os banhistas sentavam-se junto ao rio, a ver-nos passar, como se fosse uma corrida!

Quatro filhos, a sua casinha, sempre a mesma, e ainda hoje a lida dos campos fazem

desta «jovem» cheia de força e saúde o símbolo das «Pedreiras» de outras eras. «Que estranho povo este que lava a terra e o rio! Que comeu o pão que o diabo amassou e resiste depois dos noventa?»

NOTA DA REDACÇÃO:

Gostaríamos de noticiar outros centenários ou na casa dos noventa, desde que os «jovens» nos queiram facultar esse direito.

QUIM DE FÃO



ROTARY EM FESTA

Decorreu com muita animação a transmissão de tarefas no Rotary de Esposende. A transmissão de tarefas ou rotação de poderes é, em termos mais simples, a mudança de Direcção. Efectivamente o dr. Horácio Lage entregou o testemunho ao dr. Alberto Costa e Silva. Um advogado cedendo lugar a um médico.

O Clube de Esposende preparou-se afincadamente para esta cerimónia. Meses ou semanas antes desenvolveu uma campanha de «charme» nos outros clubes. Fizeram muitas visitas com o presidente entrante a coordenar as operações. O resultado viu-se: no dia 13 de Julho a sala do Hotel Néia encontrava-se cheia. estavam presentes representantes dos Clubes de Braga, Barcelos, Viana, Ponte de Lima, Ponte da Barca, Ermesinde, Famalicão, Póvoa de Varzim e Fafe, o que em termos rotários é muito bom, ou seja: representa por parte dos outros clubes muita consideração pelo Rotary de Esposende.

A reunião teve a enriquecê-la a admissão de novos rotários: Joaquim Maria R. da Cruz Lima, «apresentado» pelo Presidente, e Maria Angélica Barbosa Miranda de quem Teixeira da Silva fez as referências curriculares. Esta última entrada tem a sua história. É que dantes estava proibida a entrada de senhoras em Rotary. Na América, porém, uma senhora, excluída, ipso facto, do Rotary, recorreu para o Supremo Tribunal. Esta instância apelativa estudou o regulamento rotário e verificou que este organismo era constituído por profissionais, não acrescentando se eram homens ou mulheres. Assim sendo, nada impedia que uma mulher fosse rotária independentemente das outras condições de acesso que é preciso respeitar. E assim apareceu a mulher em Rotary.

Claro que «abertura» tem-se feito paulatinamente, mas Esposende, como Clube sui generis e atrevido que é, não

esteve com mais aquelas: admitiu já uma senhora, seguindo assim na esteira dos clubes mais inovadores. Foi de facto uma admissão muito bem recebida que atingiu um climax expressivo quando a nova rotária se apresentou com a respectiva classificação: Confecções — Senhora — Fabricação.

De resto a confraternização rotária decorreu segundo os cânones do Manual de Processo, espécie de regulamento rotário.

No momento das intervenções sobressaiu a verbe do dr. Juvenal Silva. Que defendeu uma tese discutível: a amizade entre os rotários. Ela é uma realidade entre os associados no Clube esposendense. Mas é apenas, acrescentamos nós, um primeiro grau para a realização das tarefas rotárias em que o clube de Esposende se tem sobressaído já. Exemplarmente.

Outra actuação digna de registo: O Director da Estação Naval de Apúlia teve uma intervenção com princípios e terminologia muito próximos da ideologia rotária. Não admira: é Lyon no clube de Cascais.

Desta vez a reunião teve a presença do Juiz da Comarca e do Delegado do Procurador da República que, convidados, acabaram por comparecer. Também vimos lá o director e director-adjunto do Hotel Ofir. A Câmara fez-se representar pelo eng.º Adelino Miranda Marques que por acaso também é rotário. Agradeceu o convite e expressou a disponibilidade do município para os afazeres rotários.

Uma presença simpática: a Tia Lu,

esposa de um antigo rotário de Braga que assiduamente visitava os companheiros de Esposende. Sob a forma de gratidão a agremiação esposendense tem tido a gentileza de a convidar para os dias festivos. A tia Lu, por sua vez, tem tido a gentileza de comparecer.

Auguramos ao dr. Costa e Silva um ano rotário correspondente à sua «humildade» e ao dinamismo de que já deu prova.

D. SAPO TINHA PACTO COM O DIABO

O homem que dá corpo e alma ao título deste artigo, era o super-homem da época aos olhos da Sr.ª Teodora e da sua sobrinha Mi-quinhas. A primeira (sua mulher), esquelética e submissa... quanto à segunda com os seus treze aninhos, era bela e escultural.

Bim-Bim, como era tratado pelas suas duas mulheres, tinha estilo no vestir: chapéu de aba larga, casaco curto, calção à «chantili» e botas altas. Em época de caça fazia-se acompanhar pelos seus dois cães e a sua espingarda a tiracolo. Sempre procurou emprego compatível com a sua personalidade, o que nunca conseguiu, sendo obrigado a viver de expedientes.

Há tempos que tinha os olhos postos na cadela que o Caninhas tinha e que era a melhor coelheira que existia no concelho de Esposende. Um dia, depois de muitos já lhe terem passado à porta, um dos seus cães entrou no quinteiro e quando regressou trazia por companheira a ambicionada cadela que logo foi presa juntamente com o companheiro, só sendo vendida para muito longe e por alto preço, depois de ter tido três cachorrinhos.

Meses decorridos chegou aos ouvidos do dono da cadela que o «D. Sapo» só tinha dois

(Continua na pág. 8)

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO